

## Encontro em Marília

Magda Soares

**Como citar:** SOARES, M. Encontro em Marília. In: MORTATTI, M. R. L. (org.).

**Alfabetização no Brasil:** uma história de sua história. Marília: Oficina

Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 35-38. DOI:

<https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-178-2.p35-38>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## ENCONTRO EM MARÍLIA<sup>1</sup>

*Magda Soares*

Fui assaltada por duas ansiedades, diante do convite que me propunha como “convidada de honra”, no I SIHELE: antes de tudo, o pudor, o constrangimento... de receber a homenagem; e a dúvida sobre como agradecer: como comunicar o quê e o quanto a homenagem significa para mim.

Vi-me diante de algumas alternativas.

Uma primeira alternativa seria tentar uma fala acadêmica, em que fizesse considerações sobre *a história da história* da alfabetização no Brasil: como a história da alfabetização vem-se desenvolvendo nas últimas décadas, o progresso e sucesso dessa linha de pesquisa, que se concretizam na importância deste encontro, na rica trajetória dos grupos que aqui estão e que têm feito avançar tanto a história da alfabetização no Brasil — em pesquisas, em publicações, em constituição de acervos, em organização de museus da escola... seria cômodo falar de vocês e de seus feitos, e transferir a homenagem para vocês... mas essa trajetória tão bem sucedida da história da alfabetização no Brasil ficará muito mais clara nas mesas redondas que vão acontecer nos próximos dias, nas comunicações e trabalhos que vão ser apresentados.

Uma segunda alternativa seria tentar uma reflexão sobre *minha história com a história* da alfabetização no Brasil, reflexão que fiz eu mesma, procurando entender esta homenagem. Nesse caso, eu teria oportunidade de compartilhar com vocês a lembrança que fiz, buscando identificar minha contribuição para a construção da história da alfabetização: na verdade, essa contribuição não foi mais que a de ter-me dado conta, em determinado momento, lá nos já distantes anos 1980, que não era suficiente estarmos a discutir os problemas que tínhamos com a alfabetização sem olhar para o passado, sem buscar a história que nos tinha feito chegar aonde estávamos e... onde infelizmente estamos ainda.

---

<sup>1</sup> Este texto foi lido por Magda Soares, por ocasião de seu agradecimento pela homenagem que recebeu no I SIHELE – Seminário Internacional sobre História do Ensino e Leitura e Escrita. (Nota da Organizadora)

Minha contribuição foi apenas a de, naquele momento, desenvolver a pesquisa sobre o estado do conhecimento em alfabetização; depois disso, tenho-me apoiado em vocês para entender mais e melhor a história, já que não consigo desprender-me da realidade presente, e me tenho dedicado a enfrentar os problemas que temos *hoje* na alfabetização, na perseguição de um futuro melhor para nossas crianças: conformo-me com a característica que um dia Clarice Lispector identificou nela mesma e reconheço em mim, a de “mulher incumbida”...

Mas a alternativa que realmente se revelou como sendo o meu desejo maior foi me dar o direito de partilhar com vocês o efeito *emocional* que o convite causou em mim, as reflexões subjetivas que ele desencadeou em mim; talvez porque esta homenagem vem exatamente no momento em que eu chego aos meus 78 anos, e se acentua a reflexão sobre *o que foi e o que é...*

O convite, a homenagem, os 78 anos acordaram em mim, de forma curiosa, um poema de Manuel Bandeira, meu poeta preferido entre os preferidos, poema que ao longo da vida eu sempre li e reli, nunca o entendendo inteiramente. Peço licença para colocar um pouco de literatura nesta conversa, contar minha relação com o poeta, com o poema, e como esta homenagem me fez finalmente entender o poema e palavras que sobre ele me disse um dia o poeta.

Leio o poema.

Canção do vento e da minha vida  
O vento varria as folhas,  
o vento varria os frutos,  
o vento varria as flores...  
E a minha vida ficava  
cada vez mais cheia  
de frutos, de flores, de folhas.

O vento varria as luzes,  
o vento varria as músicas,  
o vento varria os aromas...  
E a minha vida ficava  
cada vez mais cheia  
de aromas, de estrelas, de cânticos.  
O vento varria os sonhos  
e varria as amizades...  
O vento varria as mulheres...  
E a minha vida ficava  
cada vez mais cheia  
de afetos e de mulheres.

O vento varria os meses  
e varria os teus sorrisos...  
O vento varria tudo!  
E a minha vida ficava  
cada vez mais cheia  
de tudo.

Minha primeira monografia na área da literatura, que fiz ainda estudante do curso de Letras, no início dos longínquos anos 1950, foi sobre a poesia de Bandeira. E já então me intrigava esse poema: como explicar o paradoxo de que o vento/tempo varria tantas coisas, metaforizadas em folhas, frutos e flores, em luzes, músicas e aromas, em sonho e amizades... e, ao mesmo tempo, a vida ficava cada vez mais cheia? e quando o vento/tempo varria *tudo*, a vida ficava cheia de *tudo*?

Tive uma conversa com Bandeira sobre isso — eu jovem, ainda cursando Letras, nos meus 20 anos, ele então já se aproximando dos 70. Eu tinha enviado a ele — coisas de estudante... — aquela monografia sobre a poesia dele, tínhamos nos conhecido pessoalmente, ele até tinha feito um poema sobre mim<sup>2</sup>...

Perguntei a ele o que significava a vida ficar cada vez mais cheia de tudo, quando o vento/tempo varria tudo — ele só sorriu, como sabem sorrir os idosos para os jovens inexperientes, e disse, nunca me esqueci: “um dia você vai saber.”.

O poema, como todos os de Bandeira, foi-me acompanhando pela vida afora... livros de cabeceira... Muitas vezes na minha vida me perguntei se *já sabia...*, às vezes pensei que sabia..., me perguntava se a vida ficar cada vez mais cheia de tudo, quando tudo tinha sido varrido, era bom ou era mau...; em momentos em que sentia minha vida muito cheia de tudo, achava que era mau...

Quando recebi o convite de Maria do Rosário para participar, na condição de “convidada de honra”, deste encontro, e dar nome ao prêmio que será concedido ao melhor trabalho, fiquei, confesso, profundamente surpreendida e mesmo atordoada. Curiosamente e inesperadamente o poema veio à minha cabeça, e, como em uma epifania, eu finalmente soube o que o poeta me disse que “um dia eu ia saber”, senti que o dia tinha chegado; fui logo em busca do poema, reli, e entendi, agora entendo: o poema fala da descontinuidade, da impermanência — e é o que acontece na nossa vida: o vento/tempo vai varrendo tanta coisa, quando se vai envelhecendo, quando nos retiramos para os bastidores, entregamos o bastão aos jovens... . Mas o poema fala, paradoxalmente, da continuidade, da permanência daquilo que não é fugaz, que continua tornando cada vez mais cheia a nossa vida; e pensei: os pesquisadores que formamos, os alunos que tivemos, os leitores que nos lêem, os amigos que fizemos, os afetos...

Então entendi que o vento/tempo varreu um “tudo” de que às vezes sinto falta, não vou negar: os grupos de pesquisa, as aulas, as orientações, os eventos acadêmicos, até as reuniões... falta que às vezes traz um sentimento de vida “varrida”... . Mas o convite para estar aqui, nesta condição, me fez reconhecer a vida cheia, me fez entender que a vida foi ficando, na verdade, cada vez mais cheia: cheia pela continuidade das pesquisas em que nos envolvemos no passado, pelos ex-orientandos que continuam na

<sup>2</sup> Trata-se de “Poema de duas Magdas”, que se encontra publicado em: BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967. p. 451. (Nota da Organizadora)

MARIA DO ROSÁRIO LONGO MORTATTI (ORG.)

vida acadêmica e agora são os que orientam, cheia sobretudo dos afetos que continuam presentes... sinto aqui, agora, a vida cada vez mais cheia de tudo.

Assim, o pudor, o constrangimento iniciais diante desta homenagem se transformaram em gratidão por esta boa sensação que agora tenho: o vento/tempo pode ter varrido muita coisa, mas a minha vida vai ficando cada vez mais cheia de tudo. Muito obrigada por esta homenagem e o significado que ela tem para mim.